

A rasura de nascimento do estruturalismo¹

Jean-Claude Monod

Tradução Luciana Antonini Schoeps

AS CARTAS DE ERUDITOS, INTELLECTUAIS E FILÓSOFOS mostram-nos por vezes a antessala de seu trabalho teórico, o lugar privado de decantação das elaborações, das hesitações, dos avanços científicos. Como dizia Heráclito, “os deuses também estão na cozinha” e os deuses da inspiração teórica manifestam-se às vezes em um lampejo de inspiração inesperado, entre panelas e alhos-porós, no decorrer de um passeio romântico ou no fundo de uma cafeteria enfumaçada.

Foi em uma correspondência que, apesar de seu caráter mais acadêmico, ainda constitui uma correspondência, que a historiadora Emmanuelle Loyer capturou, *cum grano salis*, a certidão de nascimento do estruturalismo, vislumbrada inclusive na “micro-história de um ato de escrita”: em uma rasura.² Alude-se, por vezes, no caso de uma marca deixada no corpo de uma mulher que pariu por cesariana, a uma “cicatriz de nascimento”; poder-se-ia aludir aqui a uma rasura de nascimento, pequeno sinal deixado pelo parto.

Assim, a carta datada de 6 de dezembro de 1943 foi escrita por um jovem antropólogo ainda desconhecido, exilado da França devido à política antissemítica de Vichy, que encontrou refúgio em Nova York depois de suas explorações de campo na Amazônia brasileira: Claude Lévi-Strauss. A carta era endereçada a seu orientador de doutorado, Paul Rivet, fundador e diretor do Musée de l’Homme [Museu do Homem], animador da rede de Resistência do Musée de l’Homme, que pôde escapar das teias da Gestapo e abandonar a França em direção à Colômbia e ao México. Lévi-Strauss anuncia a seu “caro mestre” que ele alterou o direcionamento de sua tese:

Você talvez se lembre de que inicialmente ela deveria estar dedicada à sociologia do Mato Grosso. Mas, desde então, o livrinho que comecei a escrever sobre o incesto transformou-se em uma obra de dimensões consideráveis, parecendo-me mais apropriado para uma tese. [...] Busquei elaborar um método positivista para o estudo dos fatos sociais, que eu descreveria sumariamente dizendo que consiste em um esforço para abordar os sistemas de parentesco como ~~setores~~ [estruturas], e para transformar seu estudo da mesma maneira e inspirando-se nos mesmos princípios que a fonologia empregou, no que respeita à linguística. Em outras palavras, aplico-me em apresentar uma “sistematização das formas de parentesco”.

Tal como observa Emmanuelle Loyer, pode-se projetar *a posteriori* muitos elementos nessa “rasura ao mesmo tempo banal e revolucionária”: primeiramente, conforme explica Lévi-Strauss mais tarde, a ideia de estrutura esboça-se aqui como um princípio de unificação e simplificação do novelo extremamente complexo das relações de parentesco dos Nambiquaras (unificação que de uma só vez transformará sua tese, *Les structures élémentaires de*

¹ MONOD, J. C. La rature de naissance du structuralisme. In: _____. *Écrire. À l’heure du tout-message*. Paris: Flammarion, 2013, p. 256-265.

² LOYER, E. Lévi-Strauss: la rature structurale. [Lévi-Strauss: a rasura estrutural]. In: *L’Histoire*, n. 349, jan., 2010, p. 34-35 (NT: Nas notas de rodapé forneceremos entre colchetes nossa livre tradução dos títulos das obras não publicadas em português, enquanto que, para as obras já traduzidas, indicamos as primeiras edições em língua portuguesa, das quais temos notícia. No entanto, todos os excertos de tais obras, citados pelo autor, foram por nós traduzidos).

la parenté [As estruturas elementares do parentesco],³ na aplicação e na ilustração inaugural do estruturalismo em antropologia); mas esse gesto anuncia igualmente um programa de consolidação da cientificidade da antropologia, através de uma conexão fecunda com a linguística e com a fonologia. Lévi-Strauss desenvolverá tal empreitada nos anos seguintes, conjuntamente com o grande linguista russo, também exilado em Nova York, Roman Jakobson.

Conforme lembra Lévi-Strauss em seu prefácio às lições de Jakobson: “Em 1942-1943, [Jakobson] pensava poder dizer [...] que ‘a língua é o único sistema composto de elementos que são ao mesmo tempo significantes e vazios de significação’.”⁴ De fato, acrescenta Lévi-Strauss, desde então, a descoberta do código genético na biologia retirou da língua tal singularidade, ao inscrevê-la na própria estrutura daquilo que é inerente aos seres vivos. No entanto, é somente a partir do paradigma da linguística estrutural e do progresso que ela possibilitou no estudo sistemático da língua que Lévi-Strauss generalizou a ideia de uma “significação” nascida da combinação aleatória de elementos não significantes em si mesmos. A fonologia considerava a língua como um sistema fechado e coerente, gerando de sentido a partir do que Jakobson denomina de “traços contrastivos”, traços diferenciais que devem ser estudados em sua sistematicidade. O próprio Jakobson já tendo, inclusive, alargado essa abordagem a toda atividade simbólica ratificada, Lévi-Strauss alargou o procedimento a toda atividade social. Toda atividade social, na medida em que ela coloca em jogo um sistema de relações diferenciais entre seus elementos, pode constituir o objeto de uma análise que colocará em operação o modelo diferencial da língua. A singularidade da empreitada aparece na ligação que Lévi-Strauss operava implicitamente, em sua carta a Rivet, com a tradição sociológica francesa, com a busca de um “método positivista para o estudo dos fatos sociais”, fórmula que sintetiza as aspirações de Auguste Comte (o método positivista) e de Émile Durkheim (“abordar os fatos sociais como coisas”). “Abordar os sistemas de parentesco como setores”, tal como Lévi-Strauss escreveu primeiramente, consistiria em inscrever-se em um método sociológico clássico, porém amplo, no qual o todo social deveria explicar a parte (o parentesco), sem que a parte fosse isolada e estudada sistematicamente em sua própria coerência. Rasurando “setores” e escrevendo “estruturas”, Lévi-Strauss marca a novidade epistemológica de seu método.

Assim, a rasura pode representar uma decisão teórica, atestar a superação de um limiar. Mas ela pode igualmente marcar um remorso, uma dúvida, um retorno a uma posição anterior. O acaso conduziu-me a encontrar uma rasura desse tipo em um filósofo que encabeçou uma viva e notável discussão sobre e com Lévi-Strauss: Ricoeur. Um de seus desacordos com Lévi-Strauss concernia ao estatuto do signo e da significação, sendo que Ricoeur teve a ocasião de desenvolver os motivos de sua oposição a certa forma de estruturalismo literário (ao qual, aliás, o próprio Lévi-Strauss não aderira), para o qual a linguagem poética e literária seria autorreferencial, refletindo apenas a si mesma em uma suspensão de toda função referencial. Isso consistiria, para Ricoeur, em considerar a linguagem como um sistema fechado de signos, no esquecimento do discurso compreendido como fala endereçada e no desconhecimento do fato de a própria literatura apenas se exilar do mundo no intuito de, em contrapartida, melhor iluminá-lo. Mas Ricoeur não era insensível à insistência estruturalista concernente ao caráter crucial da linguagem que visa pensar o conjunto da atividade humana, consciente e inconsciente. Até onde, contudo, considerar a extensão desse poder? Os arquivos de Ricoeur testemunham as hesitações do autor de *La Métaphore vive* [A metáfora viva]⁵ acerca desse assunto. Na margem de um artigo sobre a culpa, publicado em inglês, Ricoeur assim anota: “*Maybe we have emphasized too much the importance of language*” (“Talvez tenhamos sublinhado demais a importância da linguagem”). Mas a essa anotação

³ NT: LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, [1949] 1976.

⁴ LÉVI-STRAUSS, C. *Les leçons de la linguistique* [As lições da linguística], prefácio a JAKOBSON, R. *Six leçons sur le son et le sens*. Paris: Ed. Minuit, col. “Arguments”, 1976, p. 14 (NT: JAKOBSON, R. *Seis lições sobre o som e o sentido*. Trad. Luís Miguês Cintra. Lisboa: Moraes Editores, 1977).

⁵ NT: RICOEUR, P. *A metáfora viva*. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto: Rés Editora, 1983.

inicial, Ricoeur logo substituiu outra, rasurando parcialmente a primeira: “~~Maybe we have one never can emphasized too much the importance of language~~” (“Nunca é possível sublinhar demais a importância da linguagem”). Seria esse um ponto no qual Ricoeur e Lévi-Strauss se encontraram, para além das rasuras?

O desacordo profundo entre os dois pensadores, acerca do qual eles puderam discutir em um famoso debate publicado na revista *Esprit* (novembro de 1963), concernia, entretanto, ao próprio estatuto do sentido e, indiretamente, da “mensagem”. Lévi-Strauss efetivamente generaliza o postulado da linguística estrutural segundo o qual o sentido nada mais é que o efeito do agenciamento de signos que possuem, por si mesmos, um sentido puramente convencional e diferencial: do mesmo modo que um signo linguístico só possui sentido em relação a outros signos, um “mitema”, elemento significante de um mito, só adquire seu sentido se o compararmos com a posição que ele ocupa em outras versões do mito, com as diferenças que se observam em seu uso.

A inquietude que Ricoeur deixa transparecer com relação a essa abordagem dos mitos deve-se a parecer ser possível abordar como algo *indiferente* o conteúdo particular dos mitos, ou seja, o fato que eles falem do nascimento do mundo, do conflito entre tal astro e tal animal etc.. Decifrar um mito consistiria mais em fazer aparecer as variantes por ele introduzidas em um jogo formal do que intentar nele encontrar um sentido que dissesse respeito a nossa relação com o mundo, o tempo, a sexualidade... Ricoeur avalia que essa compreensão substitui a uma análise semântica (uma análise do sentido) uma abordagem sintática (um estudo do agenciamento dos signos, de suas posições): “Caracterizo com uma palavra o método: trata-se de uma escolha pela sintaxe em detrimento da semântica.”⁶ A generalização operada por Lévi-Strauss do paradigma da linguística estrutural alimenta aqui uma abordagem cibernética das trocas simbólicas de todas as ordens, que se poderia compreender como trocas de informações amplamente independentes dos sujeitos.

No começo de seu artigo “Language and the Analysis of Social Laws” (1951), adaptado para dar lugar ao capítulo III de sua *Anthropologie structurale* [*Antropologia estrutural*], Lévi Strauss prolonga a interrogação do fundador da cibernética (no sentido de ciência dos sistemas de informação), Norbert Wiener, concernente à extensão às ciências sociais “dos métodos de predição matemática que tornaram possível a construção de grandes máquinas de calcular”.⁷ Mas Wiener recusava a possibilidade dessa extensão, frisando que os objetos estudados pelas ciências sociais são marcados pela implicação do observador no fenômeno social observado; Lévi-Strauss responde a essa objeção primordial dizendo que ao menos um fenômeno social escapa a isso, a saber, a linguagem, na medida em que ela constitui “um objeto independente do observador e do qual são conhecidas longas séries estatísticas”.⁸ Lévi-Strauss generaliza em seguida essa exceção às relações de parentesco. Apesar da frequência das referências de Lévi-Strauss a Wiener e a suas obras *Cybernetics, or Control and Communication in the Animal and the Machine* (1948) e *The Human Use of Human Beings* (1950), a relação entre a antropologia estrutural e a cibernética parece ter sido pouco estudada.

Quando preferencialmente o modelo cibernético é alegado como argumento, a ideia de trocas de informações é considerada o paradigma de uma análise dos fatos sociais: no capítulo V da *Anthropologie structurale*, Lévi-Strauss propõe interpretar diferentes níveis da sociedade em função de uma teoria da comunicação geral: os sistemas de parentesco (e, portanto, as trocas matrimoniais) poderiam ser compreendidos como sistemas de comunicação entre grupos nos quais as mulheres seriam trocadas como os signos se trocam nas trocas linguísticas; os bens e os serviços trocar-se-iam na comunicação econômica; finalmente, as mensagens propriamente ditas trocar-se-iam na comunicação verbal. Pode-se, assim, compreender o ponto de vista de

⁶ RICOEUR, P. Structure et herméneutique. In: *Esprit*, n. 322, nov., 1963, incipit (NT: Estrutura e hermenêutica. In: _____. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978).

⁷ LÉVI-STRAUSS, C. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1958; reedição Pocket, col. “Agora”, t. I, p. 70 (NT: *Antropologia estrutural*. Trad. Chaim Samuel Katz e Egnaldo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967).

⁸ *Ibidem*, p. 72.

Ricoeur, para quem essa dupla generalização, do modelo da linguística estrutural e da compreensão dos “sistemas de informação” para o conjunto dos sistemas simbólicos, produz uma espécie de esvaziamento do sentido, reduzido a jogos arbitrários entre elementos indiferentes. *Se tudo é mensagem, nada possui sentido.*

Essa crítica parece-me justa em seu fundamento. O problema é que Ricoeur a exprime por um modo que sugere pensar o sentido a partir do modelo do “querigma” cristão, ou seja, de uma mensagem que seria da ordem de uma revelação de nosso ser:

Você encontra-se no desespero do sentido; mas se salvará pelo pensamento de que, se as pessoas não têm nada a dizer, ao menos elas o dizem tão bem ao ponto de ser possível submeter seus discursos ao estruturalismo. Você salvará o sentido, mas trata-se do sentido do não sentido, o admirável arranjo sintático de um discurso que não diz nada.⁹

Lévi-Strauss então facilmente leva vantagem ao reivindicar esse “agnosticismo” que Ricoeur parece censurar-lhe e ao avaliar que o filósofo busca uma espécie de “sentido do sentido”, um sentido dado pelo próprio ser em resposta ao enigma do porquê de nossa existência. Lévi-Strauss não acredita em semelhante mensagem e eu o sigo nesse ponto (enquanto agnóstico, certamente), preferindo renunciar a essa visão enfática do sentido, em proveito de uma abordagem desiludida da criatividade simbólica das sociedades humanas, que só se refere a si mesma. O desacordo de método desemboca então – ou se ancora? – em um desacordo filosófico, entre o materialismo resolutivo da antropologia e a inscrição da hermenêutica em uma tradição bíblica da qual não se recusa a fé? Provavelmente. Mas quem não seguir Ricoeur em sua convicção confessional não é, contudo, obrigado a seguir Lévi-Strauss em sua maneira de generalizar e de tratar as formas simbólicas como meros jogos com o vazio, nem em uma aplicação do modelo linguístico que às vezes nada mais é que um procedimento analógico de pouco peso. Isso porque tal tipo de leitura dos mitos faz com que eles só adquiram sentido em suas variações, ou seja, em última instância, para o observador (o antropólogo) que desdobra suas variantes, separando-as das sociedades para as quais os mitos estavam carregados de significações fundamentais.

Pode-se simplesmente transportar a ideia de que o sentido (de uma frase) é produzido a partir de unidades não significantes em si mesmas (os fonemas, que são apenas “som”) a outros fatos sociais que não a língua, como, por exemplo, o mito? Pode-se sustentar que um mitema (o sol, por exemplo) é desprovido de sentido próprio, da mesma maneira que um fonema? O sentido do “sol” varia, evidentemente, de um mito a outro e de uma cultura a outra, mas parece estranho apresentá-lo como uma “unidade não significante”, como se se tratasse de um elemento intercambiável e indiferente, justamente onde a experiência da luz, do dia, do calor etc. certamente lhe confere determinado “valor” simbólico, cujas variações não impedem de identificar algumas recorrências significativas e talvez... antropológicas.

A compreensão de um mito pode desconsiderar e arriscar esse investimento semântico ou as significações que as próprias línguas indígenas conferem aos elementos, aos mitemas? Uma lacuna patente da análise lévi-straussiana dos mitos ameríndios deve-se ao fato de que ela parece desconsiderar amplamente as línguas nas quais esses mitos eram contados. O trabalho do mito operado sobre as significações é legitimado por uma abordagem hermenêutica que aspira a uma antropologia outra: a interpretação continuada, pelas sociedades

⁹ RICOEUR, P. Autour de *La Pensée sauvage*. Réponses à quelques questions. Entretien du ‘groupe philosophique’ d’*Esprit* avec Claude Lévi-Strauss. In: *Esprit*, n. 322, nov., 1963, reproduzido em *Esprit*, n. 1, jan., 2004, p. 192 (NT: Em torno de *La Pensée sauvage*. Respostas a algumas questões. Diálogo do ‘grupo filosófico’ da *Esprit* com Claude Lévi-Strauss (Novembro de 1963). Trad. Hugo Barros, Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/em_torno_de_la_pensee_sauvage>. Acesso em: 06 mai 2014).

humanas, dos elementos fundamentais de suas condições naturais. A questão não consistiria, portanto, como Ricoeur formula frontalmente, em opor o sintático e o semântico ou, como Lévi-Strauss sugere, em “reduzir” todo sentido a um jogo com os elementos não significantes, mas antes (seguindo uma sugestão de Gilles-Gaston Granger)¹⁰ em pensar a articulação do sintático com o semântico, em explicar o mito como um jogo formal e um resultado de variantes, e também como um esforço de explicitação e de compreensão de uma sociedade por si mesma. Dentre as trocas humanas, algumas são mais “mensagens” que outras, algumas mais investidas de significação que outras, sendo também a tarefa da antropologia restituir tal miríade do sentido.

Referências bibliográficas

- LACOUR, Philippe. *La nostalgie de l'individuel. G.-G. Granger.* [Nostalgia do individual. G.-G. Granger.] Paris: Vrin, 2012.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Anthropologie structurale.* Paris: Plon, 1958; reedição Pocket, col. “Agora”, t. I [Antropologia estrutural. Trad. Chaim Samuel Katz e Egnaldo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967].
- _____. *As estruturas elementares do parentesco.* Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, [1949] 1976.
- _____. Les leçons de la linguistique [As lições da linguística]. In: JAKOBSON, Roman. *Six leçons sur le son et le sens.* Paris: Ed. Minuit, col. “Arguments”, 1976 [JAKOBSON, Roman. *Seis lições sobre o som e o sentido.* Trad. Luís Miguez Cintra. Lisboa: Moraes Editores, 1977].
- LOYER, Emmanuelle. Lévi-Strauss: la rature structurale. [Lévi-Strauss: a rasura estrutural] In: *L'Histoire*, n. 349, jan., 2010.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva.* Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto: Rés Editora, 1983.
- _____. Autour de *La Pensée sauvage.* Réponses à quelques questions. Entretien du ‘groupe philosophique’ d’*Esprit* avec Claude Lévi-Strauss. In: *Esprit*, n. 322, nov., 1963, reproduzido em *Esprit*, n. 1, jan., 2004 [Em torno de *La Pensée sauvage.* Respostas a algumas questões. Diálogo do ‘grupo filosófico’ da *Esprit* com Claude Lévi-Strauss (Novembro de 1963). Trad. Hugo Barros, Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/em_torno_de_la_pensee_sauvage>. Acesso em: 06 mai 2014].
- _____. Structure et herméneutique. In: *Esprit*, n. 322, nov., 1963 [Estrutura e hermenêutica. In: _____. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica.* Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978].
- GRANGER, Gilles-Gaston. *Essai d'une philosophie du style.* Paris: Armand Colin, 1968 [Filosofia do estilo. Trad. Scarlett Zerbetto Marton. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1974].

¹⁰ Ver notadamente GRANGER, G. G.. *Essai d'une philosophie du style.* Paris: Armand Colin, 1968, p. 133 sq (NT: *Filosofia do estilo.* Trad. Scarlett Zerbetto Marton. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1974). Ver igualmente LACOUR, P. *La nostalgie de l'individuel. G.-G. Granger.* [Nostalgia do individual. G.-G. Granger.] Capítulo VI. Paris: Vrin, 2012.